

A (des)construção de um modo de fazer história: um encontro com Deleuze & Guattari

Danielle Heberle Viegas / UNILASALLE - Prefeitura de Canoas ¹

Resumo: Dentro da perspectiva de forjar possíveis novas pontes nas pesquisas em História, esta comunicação tem o objetivo de destacar algumas dimensões teórico-metodológicas desenvolvidas em um trabalho de História Urbana. O referido trabalho apoiou-se teoricamente nos estudos em conjunto de Gilles Deleuze e Félix Guattari, tendo como um dos seus pontos de reflexão o enlace entre o uso de narrativas orais com o conceito de cartografia, desdobrado na obra *Mil Platôs* (1982). A partir desse encontro foi construído o termo cartografia da memória, que será explorado nesse texto como uma ferramenta de pesquisa forjada com base na chamada teoria das multiplicidades. Ao problematizar conceitos-chave para os domínios da História, como os de memória e acontecimento, a teoria cultivada por D&G reivindica o seu uso pelo historiador, afirmando-se como uma importante referência de pensamento para a historiografia na contemporaneidade.

Palavras-chave: cartografia; história urbana; teoria das multiplicidades.

Abertura: marcando encontros

Certa vez Michel Foucault declarou: *um dia o século será deleuziano*. A famosa epígrafe desejava dar dimensão à atualidade do pensamento de Gilles Deleuze que, já na década de 1970, predizia paradigmas tão comuns à contemporaneidade: agenciamentos, capitalismo cognitivo, conexões, virtualidade, máquinas abstratas, desterritorializações... Mais recentemente, em outra ocasião, Suely Rolnik supôs que *ninguém é deleuziano*. Isso porque as propostas de Deleuze indicam “um exercício de pensamento a serviço das questões que pedem passagem na vida de cada um”² fazendo referência a uma postura crítica perante as realidades históricas incognoscíveis que se impõe em nosso dia-a-dia.

Entre as perspectivas de Foucault e Rolnik, esse artigo pretende se formar como uma brecha, abrindo um fluxo de discussão na historiografia sobre o pensamento de Gilles Deleuze, e de seu parceiro de escrita, Félix Guattari. Foucault nos falou da atualidade das temáticas problematizadas pelos teóricos. Suely sugeriu uma orientação metodológica. Ao desenhar o meu próprio caminho, desdobrado em algumas páginas deste texto, voltei-me para questões que pediram passagem em minha trajetória: o estudo temático de uma cidade

¹ Licenciada em História pelo Centro Universitário La Salle, Canoas/RS. Integrante do Projeto “Canoas, para lembrar quem somos: Bairro Fátima” (UNILASALLE/ Prefeitura de Canoas). Bacharelanda em História na mesma instituição.

² ROLNIK, Suely. *Ninguém é deleuziano*. Povo, Fortaleza, p. 6, 18 nov. 1995.

2

metropolitana e a discussão de novas formas de reflexão do fazer historiográfico na atualidade³.

Nesse sentido, o referido trabalho se configurou como um estudo de caso no Bairro de Fátima, na cidade de Canoas/RS. A pesquisa teve como objetivo investigar a construção de territórios de existência dos moradores do bairro a partir do processo de urbanização e metropolização que a região sofreu a partir da década de 1960. São os desdobramentos teórico-metodológicos desta pesquisa que serão aprofundados neste artigo. Entre outros temas problematizados, darei destaque para os conceitos de memória, acontecimento e subjetividade, bem como para a noção de História em Deleuze e Guattari. O estudo foi baseado, especialmente, nos textos produzidos em conjunto pelos autores, como os que compõem a obra *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Lembro, ainda, das inestimáveis produções realizadas no Brasil⁴, que também foram fundamentais na composição da pesquisa.

A meu ver, muitos outros temas sobre Deleuze e Guattari, que não serão citados neste texto, merecem a atenção dos historiadores. Nesse trabalho serão apontadas apenas algumas das possibilidades teórico-metodológicas desenvolvidas em minha pesquisa. Por isso, não é minha pretensão rastrear ou mesmo nortear uma interpretação específica do pensamento desses autores, mas apenas frisar as suas idéias em relação a conceitos usualmente importantes para a História. Proponho, então, um chamado de atenção, para que assim como outros, Deleuze e Guattari passem a figurar entre referências importantes na historiografia contemporânea.

Encontro I

História Rizomática: uma (des)construção a partir da teoria das multiplicidades

Uma apresentação: neste primeiro encontro o objetivo é desvelar algumas das particularidades de onde se está falando. Certamente não se trata de um lugar específico, pois estamos ainda em pleno salto. Um contato imediato com a teoria de Deleuze e Guattari exige que o historiador trilhe por outros caminhos, senão aqueles de seu costume, percorrendo

³ Estas indagações resultaram no meu Trabalho de Conclusão de Curso em História, intitulado *Por uma História Rizomática: traçando falas em uma cartografia da memória no Bairro de Fátima* (Canoas/RS), finalizado em 2007/2, no Centro Universitário La Salle/Unilasalle, sob orientação da Prof.^a Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin.

⁴ Nomes como Roberto Machado, Margareth Rago, Suely Ronik, Cláudio Ulpiano e Peter Pal Pelbárt engajaram seus pensamentos e escritos a partir da teoria das multiplicidades de Deleuze e Guattari no Brasil. Outros pesquisadores e algumas obras, igualmente importantes, também lembrados ao longo do texto.

3

territórios vizinhos às suas práticas. Nesse sentido, os territórios que serão revisitados neste encontro, além evidenciar, mesmo que de forma superficial, a ampla problematização das idéias de Deleuze e Guattari no Brasil (o que se julga ser necessário no contexto deste artigo), nos introduzem na principal perspectiva de pensamento dos autores: *a teoria das multiplicidades*.

Por mais que os pesquisadores interessados na obra de Deleuze e Guattari adotem uma postura multidisciplinar⁵, é evidente o distanciamento da História em relação ao pensamento deleuziano quando estabelecemos um comparativo com outras disciplinas. Sob esse ponto de vista, é notável não só a presença quantitativa dos estudos baseados em Deleuze e Guattari em áreas como a Educação, Filosofia, Psicologia, Geografia e Comunicação, mas, sobretudo, a credibilidade dos trabalhos realizados⁶. Por outro lado, em História, deparei-me somente com uma perspectiva de estudo mais apurada, verdadeiro platô de multiplicidade em meio ao deserto, que, por seu pioneirismo, merece ser citado aqui. Trata-se de um grupo de pesquisa tão aberto e flexível o quanto deveria ser, chamado *Deleuze/Guattari e Foucault: ontologia e história*, desenvolvido por Hélio Rebello Cardoso Jr. Diante desse quadro de contribuições, mas também de ausências, a questão se desloca para o(s) posicionamento(s) que o historiador pode assumir no cenário em que estamos adentrando.

Assim como na edição brasileira da obra *Mil Platôs* vamos começar nossa incursão pela *teoria das multiplicidades* a partir do conceito de *rizoma*. Ele é a nossa porta de acesso a outros princípios que desejam aqui ser descortinados. É que *rizoma*, entre tantas outras expressões atípicas que vamos nos deparar ao ler os escritos de Deleuze e Guattari, é um conceito construído e agenciado. Os autores declaram que “é um problema de escrita: são absolutamente necessárias expressões anexatas para designar algo exatamente”⁷. Rizoma é um termo originário dos estudos em Botânica, que designa tradicionalmente um tipo específico de caule que cresce e alastra-se múltipla e horizontalmente, em diversas direções, e

⁵ São exemplos de publicações multidisciplinares as seguintes obras: FONSECA, T. e KIRST, P. (orgs.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003; FONSECA, T e ENGELMAN, S. *Corpo, arte e clínica*. Porto Alegre, UFRGS, 2004; CRUZ, Jorge. *Gilles Deleuze: sentidos e expressões*. Rio de Janeiro: Ciência moderna, 2006.

⁶ A maioria das pesquisas está solidificada em trabalhos de Pós-graduação e publicações conseqüentes de grupos de pesquisa. Este é o caso de trabalhos desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Educação da UFRGS.

⁷ DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol.1*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p. 30.

4

não possui centro gerador. Mas o que Deleuze e Guattari desejam que seja designado exatamente?

Para eles, a realidade e o pensamento não correspondem ao rizoma e estão ligados a lógica arborescente, fundada a partir de raízes, hierarquizações e pontos centrais. Para isso, eles desalojam termos de seus territórios familiares para forjarem sua filosofia. Segundo Deleuze e Guattari, a lógica rizomática deveria ser potencializada em termos de um pensamento inventivo. Essa é uma das características primordiais de sua filosofia: a construção de conceitos capazes de pensar e problematizar o mundo a partir do múltiplo, “mil platôs”, e não através de lógicas binária e dualista. Segundo os próprios autores: “ser rizomorfo é produzir hastes e filamentos que parecem raízes, ou, melhor ainda, que se conectam com elas penetrando no tronco, podendo fazê-las servir a novos e estranhos usos”⁸.

A partir destes primeiros esclarecimentos temos algumas proposições para serem pensadas, tais como: de que modo a História está enraizada? E, neste caso, como podemos acoplar novas raízes àquelas já estratificadas, dando-lhe novos usos? Trata-se de fazer uma história rizomática ou geo-história, conforme Roberto Machado⁹:

Sua característica mais elementar é o fato de ela se propor mais como uma geografia do que propriamente como uma história. (...) Em vez de constituir sistemas fechados, pressupõe eixos e orientações pelos quais se desenvolve. O que acarreta a exigência de considerá-lo não como uma história linear e progressiva, mas privilegiando a constituição de espaços, de tipos.

Pensando essas questões em relação ao meu contexto de pesquisa – um bairro da região metropolitana de Porto Alegre, decidi investigar o seu processo de urbanização a partir das múltiplas linhas que o atravessaram desde a década de 1960. É que para Deleuze e Guattari, os espaços, as pessoas, os grupos, as formações históricas são atravessadas por linhas. Estudar territórios com eles é estudar essas linhas. Produzir rizomas, como dizem Deleuze e Guattari¹⁰:

Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza.

⁸ Idem, p. 25.

⁹ MACHADO, Roberto apud HAESBAERT, R. e BRUCE, G. *A Desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari*. Geographia, Niterói, v. 7, 2002, p. 2.

¹⁰ Op. cit. p 32.

5

Essas linhas, que não se encerram como pontos em uma estrutura, adentraram também outras paisagens, formando outros bairros, cidades e regiões metropolitanas. Segundo Deleuze e Guattari, são três espécies de linhas: linhas de segmento, linhas moleculares e linhas de fuga. Os autores relacionam cada uma dessas linhas a movimentos específicos de territorialização, reterritorialização e desterritorialização e comentam¹¹:

Não só as linhas de segmentos que nos cortam, e nos impõem as estrias de um espaço homogêneo; também as linhas moleculares, que já carregam seus micro-buracos negros; por último, as próprias linhas de fuga, que sempre ameaçam abandonar suas potencialidades criadoras para transformar-se em linha de morte, em linha de destruição pura e simples (fascismo).

A minha problemática de pesquisa passou a ser, então, a construção e a desconstrução de territórios de existência formados a partir de movimentos, eles mesmos intrínsecos ao processo de urbanização. Esses movimentos estão intrincados de tal maneira, que nem mesmo podemos colocá-los um frente ao outro: territorialização-desterritorialização-reterritorialização. Mas o que é um território de existência para Deleuze e Guattari?

Para eles um território só existe quando lhe é conferida alguma expressividade. E mais: só acontece mediante agenciamentos. São esses agenciamentos que o historiador deve desmultiplicar para perceber a formação dos territórios que irá percorrer. Por esse motivo é importante ressaltar que “num primeiro movimento, os agenciamentos se desterritorializam e no segundo eles se reterritorializam como novos agenciamentos maquínicos de corpos e coletivos de enunciação”¹². Um agenciamento também é atravessado por linhas, pois “comporta elementos heterogêneos, tanto da ordem biológica, quanto social, maquínica, gnosiológica, imaginária”¹³. Acompanhar um território é então, identificar agenciamentos para então desconstruí-los, e percebemos as múltiplas linhas que o compõe.

Encontro II

Acontecimento, memória e subjetividade: a construção de uma cartografia

Um desdobramento: neste encontro, quer-se intensificar uma perspectiva de estudo em História Urbana através do enlace de fontes orais com a prática metodológica da teoria das

¹¹ DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997, p. 222.

¹² HAESBAERT, R. e BRUCE, G. Op. cit., p. 8.

¹³ GUATTARI, F. e ROLNIK, S. *Micro-política: Cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Petrópolis. 1996, p. 317.

6

multiplicidades, já evidenciada anteriormente. Temos um foco principal: compor uma cartografia. É que um dos grandes desafios dos estudos em História Urbana na atualidade que é o de dar conta, ao mesmo tempo, das permanências e do hibridismo que o urbano impôs à expressividade (e a historicidade) dos territórios. A partir dessa problemática, passa-se a compor um aporte teórico-metodológico que dê conta de evidenciar não só não só a construção das novas categorias de vivenciar o mundo atual, mas também as que transfiguram, igualmente, o olhar dos indivíduos em relação sua história e memória.

Na teoria das multiplicidades o que interessa ser investigado é a criação e produção subjetiva dos territórios, expressões e conhecimentos. Mas atenção: o subjetivo, aqui não tem a ver com uma outra camada, ligada a psique, aos sentimentos ou ao obscurecido. A subjetividade não é oposição binária ao material, mas ao contrário, como diz Guattari na obra *Micro-política: Cartografias do desejo*, em um capítulo dedicado a pensar Subjetividade e História: “a produção de subjetividade constitui matéria-prima de toda e qualquer produção”¹⁴. Nesse sentido, para o autor, não existe uma contraposição entre relações econômicas e subjetivas, pois elas são ao mesmo tempo materiais e semióticas. A diferença está, portanto, no olhar, que não deve estar atento para os fatores determinantes de uma produção ou outra, mas antes, perceber as linhas e conexões entre elas. Como o próprio autor mesmo declara: “toda a questão está em elucidar como os agenciamentos de enunciação reais podem colocar em conexão essas diferentes instâncias”¹⁵.

As posições adotadas por Deleuze e Guattari, em relação ao estudo dos processos de produção de sentido e a atenção às subjetividades contemporâneas, construídas cada vez mais sob o urbano, o virtual e o midiático, fornecem uma teorização fértil para o trabalho em questão. E mais um horizonte de possibilidades surge ao entrelaçarmos essa perspectiva sobre subjetividade ao uso de fontes orais, primordiais quando tratamos de investigar um Bairro de uma cidade metropolitana recente, em que moradores, outrora migrantes, construíram e foram construídos sob as rupturas e continuidades que a urbanização impactou.

E assim vamos ao encontro da principal proposta deste estudo: compor uma cartografia. Em Educação, falou-se em uma cartografia da dor e da punição¹⁶. Em Arquitetura, de

¹⁴ Idem, p. 36.

¹⁵ Idem, p. 39.

¹⁶ UCHOA, Denise. Corrigindo corpos (im)perfeitos: cartografia da dor e da punição. *Mneme – Revista de Humanidades*. Caicó (RN). Nº 7, V. 17. 2005, p. 167-200.

7

cartografias urbanas¹⁷. Em uma pequena incursão, a historiadora Sandra Pesavento já clamou por uma cartografia do social¹⁸. Aqui, propõe-se em uma *cartografia da memória*. Até o momento só deixei rastros sobre este conceito. E não poderia ser de outra forma: estou em pleno olho do furacão, formando passo-a-passo critérios e ferramentas.

Dentro os princípios apontados por Deleuze e Guattari para fazermos rizoma, como os de *conexão e heterogeneidade* e o de *multiplicidade*, o princípio de *cartografia* certamente é o que mais faz desdobramentos em outros escritos. É que este conceito parece abarcar todos os outros dentro de si: fazer cartografia é fazer o múltiplo e sempre desenhar mapas heterogêneos com infinitas conexões. A cartografia trata-se, sobretudo, de uma prática. Prática do fazer de uma História Rizomática, que se refere às estratégias de formação do desejo no campo social. A concepção de desejo indissociável do real social histórico parte é explicada por Deleuze¹⁹:

Não há eclosão de desejo, seja qual for o lugar em que aconteça, pequena família ou escolinha de bairro, que não coloque em xeque as estruturas estabelecidas. O desejo é revolucionário, porque sempre quer mais conexões, mais agenciamentos

A cartografia, quando pensada em relação à História, não contraria a visibilidade já cadenciada por esta disciplina, mas apenas propõe um *desdobre*. Essa *dobra* faz parte ela também de um mesmo recorte do real, só que vista de outro ângulo, o micro-político. Segundo Suely Rolnik a micro-política refere-se às “questões que envolvem os processos de subjetivação em sua relação com o político, o social e o cultural, através dos quais se configuram os contornos da realidade em seu movimento contínuo de criação coletiva”²⁰. Mas atenção: a micro e a macro-política em nada tem a ver com jogos de escala, de maior ou menor. Há, no entanto, uma diferença de natureza e não de grau. A mesma autora nos fornece uma contundente explicação sobre cartografia, que diz²¹:

A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo em que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de

¹⁷ Consultar o Projeto Arquitetônico e Planejamento Urbano, *Cartografando a cidade de Santa Vitória do Palmar*, desenvolvido na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb), da Universidade Federal de Pelotas pelo Prof. Eduardo Rocha.

¹⁸ PESAVENTO, Sandra. *Um roteiro para Clio*. IN: FONSECA, T. e KIRST, P. (orgs.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

¹⁹ DELEUZE, G. apud ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, Ed. da UFRGS, 2006.

²⁰ ROLNIK, S. Op. cit, p. 11.

²¹ Idem, p. 29.

outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais universos vigentes tornam-se obsoletos.

A hipótese fornecida pela prática de uma cartografia – de acompanhar o desmanchamento e a formação de mundos – nos indica uma importante ferramenta de trabalho para realizar um estudo de caso em um bairro formado predominantemente por migrantes. Mundos ainda estão sendo transformados, afetos ainda são obsoletos e a urbanização ainda não tomou todos os sentidos. Cartografar é seguir o movimento, e mais do que isso, inscrever-se nele. É por isso que Deleuze nos diz que a tarefa do historiador é “assinalar o período de coexistência ou de simultaneidade de dois movimentos”²². E como fazer isso? Através de uma cartografia da memória, composta a partir de depoimentos orais, onde há um firmamento no encontro entre passado e presente.

E assim alinhavamos outros conceitos em Deleuze e Guattari: o de tempo e o de memória. No momento em que realizamos uma cartografia que acompanha o desmanchamento de certos mundos, falamos a partir do presente. Entretanto, as linhas que são traçadas em relação à perda de sentidos e afetos desses mundos, remetem-nos ao passado: “O tempo, tomado na pesquisa como parte do procedimento cartográfico, orienta-nos à desterritorialização/ reterritorialização promovidas na performance sujeito-objeto, captada nos registros advindos de tal encontro”²³.

A memória surge grandiosa, então, como o principal elemento para um historiador compor a prática da cartografia a partir de fontes orais. E outro desafio se impõe: pensar o conceito de memória a partir de uma lógica ligada às multiplicidades. Deleuze e Guattari nos explicam que a memória compreende o esquecimento como processo. O esquecimento não é uma doença da memória, e sim uma porta de acesso a ela, conforme Rauter²⁴:

É o esquecimento que permite que conservemos o passado como um plano de intensidade, um plano onde surgirão os materiais da obra de arte – que não coincidem mais com figuras específicas do nosso passado, mas que se referem ao que nelas corresponde a esta superfície intensiva.

Uma cartografia da memória feita a partir de fontes orais é realizada a partir das variações do tempo e da vida. As lembranças sempre irão reterritorializar um ponto do

²²DELEUZE apud CARDOSO, H. R. Jr. Acontecimento e história: pensamento de Deleuze e problemas epistemológicos das ciências humanas. *Trans/Form/Ação*, (São Paulo), v.28(2), 2005, p.114.

²³ KIRST, Patrícia et out. *Conhecimento e cartografia: tempestades possíveis*. IN: FONSECA, T. e KIRST, P. (orgs.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003, p. 99.

²⁴ RAUTER, Cristina. *A memória como campo intensivo: algumas direções a partir de Deleuze, Nietzsche e Proust*. IN: FONSECA, T. e FRANCISCO, D. J. (orgs.). *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000, p. 42.

9

passado. Fazer cartografia é fazer o múltiplo e sempre desenhar mapas heterogêneos com infinitas conexões e linhas, procurando agenciamentos e traços que vão de um ponto ao outro, e, sobretudo, que passem entre esses pontos.

A distinção de um pesquisador cartógrafo é que este é entrevistado, vendo-se refletir em seu objeto, como um jogo de espelhos entre desejo/formação/memória. Pensando nessa sentença é que se problematiza aqui a idéia de uma cartografia da memória na área da História a partir da incorporação de fontes orais. Quais outras fontes, senão as falas dos sujeitos, tomados como práticas discursivas de subjetivação seriam organismos tão vivos e dinâmicos para o historiador? Refletindo nesse sentido é que concordo com Rose²⁵ que diz que devemos:

Compreender esse processo de subjetivação não a partir da simples incursão em grandes edifícios teóricos que, ao longo dos anos, foram sendo construídos, nem sempre sobre os mesmos pilares” mas ao invés disso, devemos partir dos discursos lá onde se fazem práticas cotidianas.

As fontes orais, conforme nos indicou Penna (2005), representaram uma renovação nos estudos em História, especialmente a partir da década de 1970. As idéias aqui discutidas dos processos de subjetivação sofreram um aprofundamento especialmente a partir do uso das fontes orais. Não à toa: os depoimentos orais iluminam diferentes versões sobre um passado que se presente compreensível, ou como diz Michel de Certeau²⁶ “no relato não se trata mais de ajustar-se o mais possível a uma realidade e dar credibilidade ao texto pelo “real” que exhibe. Ao contrário, a história narrada cria um espaço de ficção”. Esses espaços compõem a nossa cartografia. É que é sabido que sempre se capta uma fala a partir de um determinado ângulo. Nas redes de falas, podem-se encontrar segmentos, articulações, ou mesmo espaços vazios. A questão agora é saber como os acontecimentos são percebidos a partir das resoluções propostas em uma cartografia.

Segundo Deleuze e Guattari há uma simultaneidade de sistemas de multiplicidade em um mesmo período: multiplicidades métricas e não-métricas. Assim como os sistemas molares e moleculares, as multiplicidades são coexistentes e extensivas umas às outras. A multiplicidade métrica observa as extensões, as formas discretas e tem como aporte de classificação a semelhança; já a multiplicidade não métrica entende os acontecimentos como

²⁵ ROSE apud PANIAGO, Maria de Lourdes Faria dos Santos. *Práticas discursivas de subjetivação em contexto escolar*. Tese de doutorado. UNESP: Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa. Araraquara, 2005. p. 16.

²⁶ CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano - 1. artes do fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 153.

10

intervalos, espaços de diferença entre as continuidades. Eis outra lição: acontecimentos são linhas da diferença, correm no meio dos pontos. E Deleuze e Guattari nos dizem²⁷

Destacar sempre um acontecimento das coisas e dos seres é a tarefa da filosofia quando cria conceitos, entidades. Erigir o novo evento das coisas e dos seres, dar-lhes sempre um novo acontecimento: o espaço, o tempo, a matéria, o pensamento, o possível como acontecimentos.

E fica a questão: como a História destaca acontecimentos? Em cartografia, os acontecimentos são definidos no encontro do pesquisador com a sua paisagem, nunca anteriormente. É um “toque no impensado”, como Tânia Maria Galli Fonseca intitulou um ensaio sobre esse assunto. A autora devorou muitos autores, entre eles Michel Foucault. É a partir da leitura das palavras dele que a autora comenta sobre pesquisa e acontecimento dizendo que a “acontecimentalização aponta para uma ruptura evidente com a tendência de busca de uma constante histórica ou um traço antropológico, ou ainda uma evidência se impondo da mesma maneira para todos”²⁸.

Estudar as práticas seria então, submeter os acontecimentos a uma “desmultiplicação causal”: uma análise dos acontecimentos segundo os múltiplos processos que os constituem. Ora, isso nos lembra a sentença de Guattari sobre colocar em conexão todas as instâncias que compõe um processo. Também, indica uma nova ciência, explicada por Hélio Cardoso Jr.²⁹ como ciência menor. O seu objeto é o acontecimento. Isso porque “ao invés de uma teoria dos sólidos, de que se vale a ciência maior, a ciência menor dispõe de uma “teoria dos fluídos que exige procedimentos científicos renovados”. Temos, então, um novo modo de captura, o micro-político e uma outra ciência, a ciência menor. Estamos também sob um novo regime, das multiplicidades. A partir daí, pode-se erigir uma História Rizomática.

Fechamento: temas para um próximo encontro

Ao problematizar conceitos-chave para os domínios da História, como os de memória e acontecimento, o pensamento deleuze-guattariano reivindica o seu uso pelo historiador, para firmar-se como uma importante referência de pensamento para a historiografia na contemporaneidade. A cartografia é, sobretudo, uma inovação de caráter teórico-metodológico em relação ao fazer histórico. Ao problematizar conceitos-chave para os

²⁷ DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: E. 34, 1992. p. 46.

²⁸ FONSECA, Ta. M. G. *Pesquisa e acontecimento: o toque no impensado*. Psicologia e Estudo. v.11 n.3 Maringá set./dez. 2006, p. 6.

²⁹ CARDOSO, H. R. Jr. Op. cit. p. 113.

11

domínios da História, se torna uma importante estratégia de acompanhamento da ampliação cada vez maior que o conjunto de fontes históricas tem sido submetido na década em que estamos escrevendo. Além de traçar alianças multidisciplinares, a cartografia reivindica seu uso pela historiografia em momentos como os da atualidade, em as subjetividades são latentes à nossa volta, e merecem ser percebidas e problematizadas também pelo historiador. O fazer cartográfico rompe com o tempo linear e histórico, a cartografia é, inclusive, ela mesma, anti-histórica, pois está aí para romper as portas e limites dos fazeres da nossa época, e propõe sistemas a-centrados, destituídos de hierarquias, rizomáticos, enfim. A atenção voltada para esse a teoria das multiplicidades, aliadas ao uso de fontes orais, além de estimular pesquisas já aprofundadas em relação à memória, o tempo e narrativa em História, forjam novas máscaras para a historiografia, essa escrita que já nasce querendo renovar-se.

Referências Bibliográficas

- CARDOSO, H. R. Jr. **Acontecimento e história: pensamento de Deleuze e problemas epistemológicos das ciências humanas.** *Trans/Form/Ação*, (São Paulo), v.28(2), 2005, p.105-116.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano - 1. artes do fazer.* Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 153.
- CRUZ, Jorge. *Gilles Deleuze: sentidos e expressões.* Rio de Janeiro: Ciência moderna, 2006.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Vol.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- _____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Vol. 4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.
- _____. F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.* Vol 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997a.
- _____. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: E. 34, 1992. p. 46.
- FONSECA, Ta. M. G. *Pesquisa e acontecimento: o toque no impensado.* *Psicologia e Estudo.* v.11 n.3 Maringá set./dez. 2006, p. 6.
- _____. e KIRST, P. (orgs.). *Cartografias e devires: a construção do presente.* Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.
- _____. e ENGELMAN, S. *Corpo, arte e clínica.* Porto Alegre, UFRGS, 2004.
- GUATTARI, F. e ROLNIK, S. *Micro-política: Cartografias do desejo.* Rio de Janeiro: Petrópolis. 1996
- HAESBAERT, R. e BRUCE, G. *A Desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari.* *Geographia,* Niterói, v. 7, 2002, p. 2.

12

PANIAGO, Maria de Lourdes Faria dos Santos. **Práticas discursivas de subjetivação em contexto escolar.** Tese de doutorado. UNESP: Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa. Araraquara, 2005.

RAUTER, Cristina. **A memória como campo intensivo: algumas direções a partir de Deleuze, Nietzsche e Proust.** IN: FONSECA, T. e FRANCISCO, D. J. (orgs.). Formas de ser e habitar a contemporaneidade. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre: Sulina, Ed. da UFRGS, 2006.

_____. *Ninguém é deleuziano.* Povo, Fortaleza, p. 6 , 18 nov. 1995

UCHOA, Denise. Corrigindo corpos (im)perfeitos: cartografia da dor e da punição. *Mneme – Revista de Humanidades.* Caicó (RN). Nº 7, V. 17. 2005, p. 167-200.